

A visão da indústria

■ Confiança no Real e críticas às taxas de juros

Uma pesquisa da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) feita com 1.158 empresas mostra que, no segundo ano do Plano Real, o emprego diminuiu 62%, o faturamento das empresas caiu 42%, os investimentos tiveram queda de 44% e a margem de lucro caiu 80%. Mesmo com esses números o presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, disse que os empresários estão confiantes que a economia vai melhorar no segundo semestre.

O otimismo também foi expresso nos balanços de dois anos de Real feitos pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Os dados da Firjan, de 23 meses (julho de 1994 a maio desse ano), mostram que a produção industrial cresceu 18,3%, com destaque para os setores voltados para a população de baixa renda: comida, remédios, roupas e calçados. No período, a produção de vestuário e calçados cresceu 93,7%; a de perfumes, sabões e velas, 48%; a de produtos farmacêuticos, 41,7%; a de materiais plásticos (usados em embalagens), 34,5%; e a de alimentos, 27,7%.

Nos mesmos 23 meses, entretanto, houve uma redução de 11,5% no número de empregos industriais no Estado do Rio. E a retração também afetou os setores com melhor desempenho. Com exceção do setor de produtos farmacêuticos, onde houve uma expansão de 10,2% no nível de emprego, todos os outros setores registraram queda. Em vestuário, o número de empregos gerados é 1% menor que o de

julho de 1994, no de produtos alimentares, 5,3%; no de materiais plásticos, de 9,1% e no de perfumaria, de 10,8%.

O presidente da CNI, Fernando Bezerra, disse que as estimativas são agora mais favoráveis do que há alguns meses, em função da recuperação das vendas. Com a entrada de capitais externos, também deve crescer a taxa de investimento, dos 15,8% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1995, para 16,5% este ano. O crescimento, entretanto, continua sendo estimado bem abaixo dos 4,1% do ano passado. Para a CNI, o PIB crescerá apenas 2% este ano, mas a produção industrial vai se expandir também 2% (contra os 1,7% de 1995).

A pesquisa da Fiesp mostrou que o Plano Real é o de melhor aceitação (45%) entre os planos lançados desde 1986, Cruzado I (22%); Cruzado II (1%); Cruzeiro Novo (2%); e Plano Collor (2%). Mostra também que a reforma tributária, com 71%, e o controle do déficit público, com 68%, são apontadas como as principais medidas a serem tomadas para garantir a sustentação do Plano Real.

Já, de acordo com previsões do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também divulgadas ontem, o Produto Interno Bruto deve fechar o primeiro semestre praticamente no mesmo patamar do período janeiro a julho de 1995, quando foi negativo em 0,4%. A recuperação, segundo o Ipea, órgão do Ministério do Planejamento, será mais visível em setembro, quando o PIB terá crescido 1,1% no acumulado do ano.

Por estas previsões, a indústria continuará em queda. Isto porque, indicou a pesquisa da Fiesp revela que 56% dos industriais se sentem desconfortáveis com as taxas de juros.